

Banco ABC Brasil | Relações com Investidores
Transcrição da divulgação de resultados do 4T17 e ano 2017
07 de fevereiro de 2018

[Anis Chacur –Presidente]

Bom dia a todos e obrigado por participarem de nossa teleconferência de resultados do quarto trimestre e ano de 2017.

Antes de apresentar os destaques do nosso resultado, considerando que os indicadores apontam para o possível fim de um ciclo econômico recessivo, gostaria de discorrer sobre a evolução desse cenário nos últimos 4 anos.

No slide 2 temos alguns indicadores da evolução do cenário econômico de 2014 a 2017.

Depois de crescer por alguns anos seguidos, o PIB estagnou em 2014, e sofreu forte queda em 2015 e 2016. Em 2017 deverá ter apresentado crescimento, indicando o fim desse ciclo de recessão econômica.

A carteira de crédito expandida do banco reflete bem essa dinâmica. Em 2014 cresceu quase 16%, ainda no mesmo ritmo dos anos anteriores, mas em 2015 e 2016 o crescimento caiu para o patamar de 5%, voltando a acelerar um pouco em 2017, quando atingiu 8,1%, dentro do crescimento projetado para o ano, entre 8 e 12%.

Esse ciclo recessivo levou a uma deterioração da qualidade dos ativos, elevando o custo de crédito do banco do patamar de 1% da carteira, em 2014, para o patamar de 2% da carteira de 2015 até 2017. Em contrapartida, também tivemos um aumento dos spreads de 2014 até 2016.

Para conter as pressões inflacionárias, o Banco Central aumentou a taxa Selic de 2014 ao 1º semestre de 2016, e ainda em 2016 iniciou um ciclo de forte redução dos juros, trazendo patamar de 14% para 7% ao final de 2017.

Considerando todos esses fatores, apesar do aumento das despesas com provisão para devedores duvidosos e da desaceleração do crescimento da carteira de crédito, com o aumento dos spreads e o bom desempenho da tesouraria, aliados ao aumento da taxa Selic, conseguimos entregar um retorno sobre o patrimônio líquido entre 15 e 16% ao ano nos anos de 2015 e 2016.

Em 2017, a principal razão da redução da rentabilidade foi a queda da taxa Selic. Imaginamos que com a melhora do ciclo econômico que virá a partir de 2018, a mesma deverá ser compensada com o crescimento da carteira de ativos e queda das despesas de PDD.

Com esse ciclo de menor crescimento dos ativos, o banco também aproveitou para reforçar o seu capital regulatório, aumentando de 14,4% ao final de 2014 para 16,3% ao final de 2017, proporcionando uma condição favorável para o crescimento imaginado nos próximos anos.

Dito isso, no Slide 3 apresentamos os destaques de nosso resultado no quarto trimestre e no ano de 2017:

O Lucro líquido recorrente foi de 433 milhões no ano de 2017, e de 110,6 milhões no quarto trimestre.

O Retorno Anualizado sobre o Patrimônio Líquido Recorrente atingiu 14% em 2017, e 13,6% ao ano no quarto trimestre.

Destacamos o desempenho do Banco de Investimento em 2017, cujas receitas atingiram 56,8 milhões no ano, crescimento de 157% em relação a 2016, e 20,7 milhões no quarto trimestre, representando um crescimento de 130,7% em relação ao trimestre e de 195,5% em relação ao mesmo período de 2016.

A Carteira de Crédito Expandida encerrou dezembro de 2017 com saldo de 24,5 bilhões de reais.

Em relação à qualidade da carteira, encerramos o ano de 2017 com 94,8% das operações com empréstimos e 98,9% das garantias prestadas classificadas entre AA e C, de acordo com a Resolução 2.682 do Banco Central. Considerando as duas carteiras, o índice foi de 96,6%.

No slide 4 apresentamos a evolução da carteira de crédito expandida:

Ela cresceu 6,6% no trimestre e 8,1% no ano, dentro da faixa de crescimento projetada para 2017, entre 8 e 12%.

No segmento Large Corporate, a carteira cresceu 6,3% no trimestre e 4,6% no ano.

E o segmento Corporate, que mais uma vez se destacou pelo ótimo desempenho que vem apresentando ao longo do ano, apresentou crescimento de 7,9% no trimestre e de 29% no ano.

No slide 5 alguns destaques de cada segmento.

No segmento Large Corporate, terminamos o ano de 2017 com 763 clientes, dos quais 499 com exposição de crédito, resultando numa exposição média de 36 milhões de reais por cliente. A carteira Large Corporate encerrou o ano com um prazo médio de 368 dias.

No segmento Corporate, terminamos o ano de 2017 com 1.140 clientes, sendo que desses clientes, 872 possuíam exposição de crédito, resultando numa exposição média de 4,7 milhões de reais por cliente. A carteira Corporate terminou o trimestre com prazo médio de 301 dias.

Apresentamos também no slide a distribuição geográfica das carteiras, sem variações significativas.

No slide 6, os indicadores de qualidade de nossa carteira de empréstimos.

No primeiro gráfico, as operações com atraso acima de 90 dias.

Encerramos o ano de 2017 com 1,2% das operações da carteira de empréstimos em atraso acima de 90 dias, apresentando queda em relação ao trimestre anterior. Esse nível de atrasos reflete o cenário desafiador pelo qual passamos, principalmente no segmento Large Corporate.

No segundo gráfico, o saldo de PDD.

Encerramos dezembro com um saldo de PDD de 3,3% da carteira de empréstimos, uma redução de 0,3 ponto percentual em relação ao trimestre anterior.

No terceiro gráfico a evolução dos empréstimos de rating D e E-H.

Os empréstimos classificados em D diminuíram para 2,6% da carteira, e o saldo de empréstimos entre E e H reduziu para 2,7%.

No slide 7, a evolução de nossa captação.

O gráfico apresenta a abertura da Captação por perfil de investidor. O banco permanece com uma carteira diversificada, com acesso aos mercados local e externo em condições competitivas e com prazos confortáveis em relação ao perfil de seus ativos.

Ao final do ano de 2017, o saldo da captação totalizava 24,9 bilhões de reais, apresentando redução de 1,1% no trimestre e crescimento de 4,6% em 12 meses.

A liquidez permanece elevada e com precificação adequada. O funding de qualidade continua sendo um dos pilares do nosso negócio.

Não há descasamentos entre ativos e passivos, com o gap de liquidez permanecendo positivo em todos os períodos futuros.

No slide 8 a evolução de nosso Patrimônio e do Índice de Basileia.

Terminamos o ano de 2017 com patrimônio de referência de 3,8 bilhões de reais, e patrimônio líquido de 3,3 bilhões de reais.

Encerramos o ano com Índice de Basileia de 16,3%, sendo 14,0% de capital de nível 1 e 2,3% de capital de nível 2, composto por 706 milhões de letras financeiras subordinadas, dos quais 505 milhões de reais estão sendo usadas atualmente como base para capital regulatório.

Destacamos que 100% do nosso capital está de acordo com as regras de Basileia 3.

No Slide 9 apresentamos a evolução da margem financeira.

A margem financeira gerencial alcançou 1 bilhão e 69 milhões de reais em 2017, crescimento de 5,2% em relação a 2016.

No 4º trimestre a margem foi de 277 milhões, crescimento de 6,3% em relação ao trimestre anterior e redução de 2,4% em relação ao mesmo período de 2016.

A margem financeira com clientes atingiu 586 milhões de reais em 2017, crescimento de 10% em relação ao ano anterior.

No 4º trimestre a margem financeira com clientes foi de 156 milhões de reais, aumento de 4% em relação ao trimestre anterior e de 4,8% em relação ao mesmo período de 2016.

A margem financeira com mercado atingiu 226 milhões de reais em 2017, crescimento de 33,5% em relação a 2016.

No 4º trimestre a margem financeira com mercado foi muito boa, atingindo 73,5 milhões de reais, aumento de 45% em relação ao trimestre anterior e de 43,5% em relação ao mesmo período de 2016. Esse desempenho positivo é parte da volatilidade inerente à essa atividade.

As Despesas de PDD atingiram 220 milhões de reais em 2017, aumento de 5,6% em relação a 2016.

No 4º trimestre a Despesa de PDD foi de 50,8 milhões de reais, redução de 7,4% em relação ao trimestre anterior e de 8,2% em relação ao mesmo período de 2016.

No Slide 10 as Receitas com Serviços.

Obtivemos bons resultados nas receitas de prestação de serviços, que atingiram 307 milhões de reais em 2017, apresentando crescimento de 19,6% em relação a 2016.

No 4º trimestre, a receita com serviços atingiu 83,7 milhões de reais, 17,6% maior que o trimestre anterior e 20,4% maior que o mesmo período de 2016.

As receitas com garantias prestadas atingiram 212 milhões de reais em 2017, crescimento de 6,7% em relação ao ano anterior.

O grande destaque de 2017 foi o desempenho do Banco de Investimento. Os fees de mercado de capitais e M&A atingiram 56,8 milhões de reais em 2017, crescimento de 157% em relação a 2016.

A área de fusões e aquisições do Banco de Investimento realizou 9 operações em 2017, o que nos colocou na sétima posição do ranking da Thomson Reuters.

Também tivemos participação relevante em operações no mercado de capitais, com 54 operações originadas em 2017, totalizando 3,1 bilhões de reais, e 22 operações distribuídas, totalizando 1,8 bilhão de reais. Encerramos 2017 entre os Top 10 dos rankings da ANBIMA, ocupando a quarta posição do ranking de quantidade de operações originadas, a nona posição no ranking de volume originado, e a décima posição no ranking de volume distribuído.

As receitas com Tarifas atingiram 37,7 milhões de reais em 2017, crescimento de 6,5% em relação a 2016.

No Slide 11, a variação das despesas e do nosso índice de eficiência

As despesas de pessoal e outras despesas administrativas juntas atingiram 308,7 milhões em 2017, aumento de 7% em relação a 2016, mantendo-se sob controle e ficando dentro da faixa de crescimento projetada para o ano, de 5% a 7%.

O Índice de eficiência foi de 31,4% em 2017 e de 33,3% no 4º trimestre.

No Slide 12, a rentabilidade.

O Lucro Líquido recorrente atingiu 433 milhões de reais em 2017, apresentando crescimento de 5,4% em relação ao ano anterior.

No 4º trimestre, o lucro foi de 110,6 milhões de reais, crescimento de 6,2% em relação ao trimestre anterior e de 1,9% em relação ao mesmo período de 2016.

O Retorno Recorrente sobre o Patrimônio Líquido foi de 14% a.a. em 2017 e de 13,6 % a.a. no quarto trimestre.

Essa queda marginal da rentabilidade se explica, principalmente, pela queda da taxa SELIC, que reduziu a remuneração do capital de giro próprio. Ao longo do tempo, essa queda deverá ser compensada pelo aumento no volume de concessões de crédito e também pela redução do custo de crédito.

No Slide 13, nossos comentários sobre as projeções do ano de 2017, e o desempenho do banco em relação a essas projeções:

Para a carteira de crédito expandida, havíamos projetado um crescimento entre 8 e 12% em 2017, e apesar do ano desafiador pelo qual passamos, conseguimos encerrar o ano com crescimento de 8,1%, dentro da faixa projetada.

Abrindo essa evolução por segmento, no Corporate a carteira cresceu de forma praticamente linear ao longo do ano, encerrando 2017 com crescimento de 29%. Já no segmento Large Corporate, a carteira ficou praticamente estável ao longo dos nove primeiros meses, apresentando forte desempenho no último trimestre e encerrando o ano com crescimento de 4,6%.

Para as Despesas de pessoal e outras administrativas, havíamos projetado um crescimento entre 5 e 7% em 2017, e encerramos o ano com um crescimento de 7% para essas despesas, dentro da faixa projetada.

Slide 14:

No slide 14, antes de divulgarmos as projeções para o ano de 2018, gostaria de fazer alguns comentários sobre como enxergamos este ano.

Iniciamos 2018 com uma perspectiva de crescimento do PIB entre 2 e 3%, em linha com o consenso do mercado.

Acreditamos que o ambiente de crédito será melhor, em função da queda da taxa de juros, aumento da atividade econômica e queda do desemprego.

Considerando esse cenário e o fato de estarmos com funding abundante, bom nível de liquidez, produtos competitivos, infraestrutura adequada e capital regulatório disponível, entramos bem posicionados no ano de 2018.

Considerando todos esses fatores, no Slide 15 apresentamos nossas projeções para o ano de 2018:

Para a Carteira de crédito expandida, projetamos crescimento de 9 a 13% em 2018;

E para as Despesas de pessoal e administrativas, projetamos crescimento entre 4 e 6%, já considerando o novo critério de apresentação das despesas de pessoal e outras administrativas.

Para fins de melhor visualização e análise de nossas demonstrações financeiras, a partir do primeiro trimestre de 2018, começaremos a apresentar as despesas do banco com as seguintes reclassificações:

A porção das despesas de INSS referente à remuneração variável será reclassificada da linha de “Despesas de Pessoal” para a linha de “Participação nos Lucros”, onde a remuneração variável é contabilizada;

E a porção de despesas com incentivos fiscais, tais como as relacionadas à Lei Rouanet, à Lei de Incentivo ao Esporte e ao FUMCAD, serão reclassificados da linha de “Outras Despesas Administrativas” para a linha de “Imposto de Renda e Contribuição Social”.

Se já estivéssemos considerando essas reclassificações em nossas despesas em 2017, elas teriam crescido 4,8%, e não 7%.

O detalhamento dessas novas reclassificações estão disponíveis na página 19 do nosso Release de Resultados.

Estes eram os principais destaques que gostaríamos de comentar. Agora ficamos à disposição para responder às perguntas que vocês possam ter. Obrigado.

ÍNICIO DA SESSÃO DE PERGUNTAS E RESPOSTAS

Nossa primeira/próxima pergunta vem do Sr. Thiago Baptista, do Itaú BBA.

[Thiago Baptista – Itaú BBA]

Bom dia. Eu tenho duas perguntas. A primeira, em relação ao crescimento de carteira, olhando para os dados do balancete do BACEN, até novembro, outubro e novembro tinham sido meses razoavelmente fracos e dezembro, aparentemente foi um mês bastante forte. Obviamente eu estou olhando somente a carteira BACEN, mas, fazendo a continha aqui, a carteira cresceu de 3,5% a 4%, então foi um mês bastante forte. Eu só queria entender se esse dinamismo da carteira continua em janeiro, obviamente que janeiro é um mês mais fraco, mas se dá para ver, efetivamente, uma melhora consistente no mercado de empréstimos para empresas? A segunda pergunta é em relação ao retorno. Eu sei que vocês não dão guidance e eu nem quero um número, mas eu queria entender a dinâmica que podemos esperar de rentabilidade para 2018. Eu imagino que, com uma Selic menor tende a afetar um pedaço da margem financeira, mas, de outro lado, a provisão deve cair de forma importante. Quando colocamos as duas coisas lado a lado, o que podemos esperar para 2018?

[Anis Chacur –Presidente]

Obrigado, Thiago. Com relação a primeira questão, sobre o crescimento, tem ocorrido nos últimos dois, três anos uma concentração maior do portfólio de crédito no último trimestre do ano. Não temos uma

razão clara para entender esse motivo, mas tem sido uma realidade. De qualquer forma, esse último trimestre faz parte do total. Nós, quando encerramos o terceiro trimestre, insistimos em manter o guidance pois existiam operações em nosso pipeline que indicavam que pelo menos a parte debaixo do guidance poderia ser atingida e foi atingida. Como eu coloquei na apresentação, nós sentimos uma mudança econômica a partir de 2018 e, aparentemente, o final de um ciclo recessivo, o que nos dá um ânimo para acreditar na possibilidade de atingimento desse guidance de 9 a 13% conforme foi colocado. Nós ainda sentimos que as empresas ainda estão numa fase melhor no que tange ao interesse em captar empréstimos, quer seja por uma maior necessidade de capital de giro ou uma perspectiva de investimento, mas com um certo otimismo para o ano.

Com relação ao desempenho do 1T18 é algo que não comentamos pois o que temos disponível para comunicar ao mercado são os resultados de 2017. O que eu posso dizer é que o ambiente para se emprestar e para crescer ativos em 2018 está melhor do que era o no ano passado, quer ser pelo interesse dos clientes em voltar a captar, quer seja pelo interesse do Banco em aprovar novas linhas de crédito. Hoje a situação das empresas passou bem por essa crise e é uma situação que nos dá um conforto maior em aprovar as linhas do que em relação ao ano passado.

Com relação ao retorno, conforme você mesmo comentou, nós não damos guidance, mas estamos trabalhando dentro da perspectiva de que sabendo que teremos uma Selic menor em relação ao ano passado, o que já está acontecendo e impacta diretamente na rentabilidade, mas é um fator externo a nós, que foge do nosso controle, mas que, apesar do fato de ela reduzir a receita da remuneração do nosso patrimônio líquido próprio, ela melhora o ambiente para crescer ativos e para reduzir o custo do crédito. Então, o nosso objetivo é trabalhar na direção daquilo que a gente perde pela remuneração do capital próprio, possa ser recompensado e no tempo, não num curto espaço de tempo mas sim no médio e longo prazo, com o crescimento da carteira e também com a redução das despesas de PDD. Essa é a linha principal e que nós pensamos que faz sentido.

Thiago Baptista – Itaú BBA]

Obrigado.

[Vitor Mizumoto – Eleven Financial]

Bom dia a todos e obrigado por pegarem a minha pergunta. Eu queria entender como está a cabeça de vocês para margem financeira. Dado que empréstimos para pessoa jurídica é um pouco mais sensível ao momento de afrouxamento monetário e, dado que já estamos no final desse ciclo, vocês acham que a NIM também está no fundo do poço ou próximo disso? O que vocês estão vendo para 2018 e 2019? Onde vocês acham que a margem vai parar?

[Anis Chacur –Presidente]

Obrigado, Vitor. A margem financeira total tem três componentes: o resultado com clientes, o resultado com o mercado e o patrimônio líquido remunerado a CDI, que é prejudicada quando a SELIC cai mas é beneficiada pelas outras linhas (mercado e clientes). Da mesma forma, nós trabalharemos para seguir as tendências. Aquilo que perdemos em relação a taxa Selic, vamos procurar recuperar na atividade com clientes e mercado, que é o que torna nosso negócio melhor, é nosso objetivo o quanto conseguimos agregar para o acionista em relação àquilo que ele obtém na taxa básica. E é isso, então nós, da mesma forma, não temos guidance de NIM, mas trabalhamos para compensar a queda da taxa Selic no banco e, se possível, superar.

[Vitor Mizumoto – Eleven Financial]

Uma segunda pergunta: quando a gente olha o tier 1, vocês estão com um excesso de capital interessante. Vocês acham que é essa a estrutura de capital ótima ou vocês pretendem reduzir isso, serem um pouquinho mais agressivos em crescimento? O que é a cabeça de vocês, nesse sentido?

[Anis Chacur –Presidente]

Olha, para o atual momento, que nós saímos de um ciclo de baixo crescimento de ativos e, até aproveitando para capitalizar, aumentar o nível do capital regulatório, está dentro da nossa estratégia. No tempo, a médio e longo prazo, o objetivo é consumir esse capital através do crescimento da carteira de crédito que vai demandar o uso dessa Basileia. Então, a Basileia hoje com um capital nível 1 a 14% é um conforto, com folga. No tempo, pelo menos o consumo de 1 a 2 pontos desse capital, faz sentido e sendo um nível bom pra ser mantido a médio e longo prazo, num ambiente virtuoso que temos de crescimento econômico e de ativos.

[Vitor Mizumoto – Eleven Financial]

Obrigado.

[Yuri Fernandes – JP Morgan]

Obrigado pessoal. Eu queria perguntar sobre o mix de corporate e large corporate de vocês. Se olharmos a carteira bacen igual vocês falaram, um cresceu 28% e o outro caiu um pouquinho e o corporate chegou a 30% de share da carteira. Queria perguntar para vocês como vocês veem se isso pode chegar a metade da carteira e se teria um espaço grande para vocês crescerem nesse segmento e qual que é a implicação na margem financeira disso para vocês? Como isso pode afetar a NIM? Porque eu imagino que o spread nesse segmento possa ser mais alto.

[Anis Chacur –Presidente]

Faz sentido. Acho que no tempo, com o ambiente econômico melhor, a qualidade de crédito das empresas melhorando, a tendência é que o crescimento ocorra mais nas empresas menores do que as maiores. Além disso, esse segmento de empresas menores, hoje no banco, não são empresas tão menores, são empresas que faturam de R\$100 a R\$800 mm ano e foi uma mudança interessante que foi feita porque, esse segmento, de R\$500 a R\$800 mm, que até pouco tempo atrás era desenvolvido pelo segmento de empresas maiores, ele acabou sendo melhor aproveitado no corporate do que no large corporate e isso também contribuiu para esse crescimento mais acelerado de ativos que ocorreu em 2017. A economia voltando a crescer e o custo de crédito caindo, as grandes empresas cada vez mais acessando outras formas de financiamento que não o empréstimo bancário, como o mercado de capitais, por exemplo, faz sentido imaginar que a proporção relativa do segmento corporate aumente. Não tenho os números para te passar, mas é um raciocínio que nós trabalhamos e acreditando num cenário melhor.

[Yuri Fernandes – JP Morgan]

E algum plano para voltar a ter mais um foco em middle ou um segmento menor em relação ao corporate?

[Anis Chacur –Presidente]

Não. A nossa estratégia como instituição é trabalhar com empresas médias e grandes. O segmento de empresas pequenas, “PJtinha”, onde o crédito fundamental acaba tendo uma relevância menor, é onde não temos um expertise bom. O segmento de empresas que demandam um julgamento, um relacionamento, é onde temos condição de nos diferenciar, então a ideia é insistir nesse segmento e, obviamente, dentro do cenário atual, onde a “inovação” é algo muito importante para as empresas, temos de procurar nos utilizar de instrumentos tecnológicos para melhorar e ser mais eficiente com esse relacionamento. Além disso, independente desse aspecto, estamos desenvolvendo uma plataforma digital para acessar pessoas físicas, que não é o nosso segmento, mas não para crédito, mas para desenvolver uma distribuição do nosso funding que já é feito através de distribuidores, e que hoje, em função do advento da parte digital, é algo que nós estaremos concluindo e passando a fazer captação de recursos junto a pessoas físicas através do nosso instrumento digital. Mas, acessar o varejo, o “PJtinha” para linhas de crédito, não está nos nossos planos.

[Yuri Fernandes – JP Morgan]

Super claro, obrigado. Em relação a segunda pergunta, eu sei que vocês não dão guidance de qualidade da carteira, mas poderiam dar um pouco de cor de custo de risco? Como vocês veem isso evoluindo? No começo da apresentação você até comentou do 1% das despesas de PDD que evoluiu para 2%,

atualmente. Essa queda já deve acontecer em 2018? Existe algum caso específico? Eu pergunto isso porque vimos o resultado de Itaú e Santander e ainda existem alguns “legados” dos anos anteriores. Então como vocês estão vendo essa questão de casos específicos e se podemos voltar ao patamar de 1% das despesas sobre a carteira de crédito?

[Anis Chacur –Presidente]

Olha Yuri, sem falar em curto prazo (1 ano), mas a médio e longo prazo nós trabalhamos com o objetivo de voltarmos aos patamares que tínhamos antes dessa crise. Não sei quando que isso será possível de ser atingido. Agora, o legado, na nossa visão, já está todo reconhecido. O que está por vir, é algo corrente e pouca coisa do passado. Então, não tenho um guidance, é difícil dizer o que vai ser 2018, mas a nossa perspectiva é um processo de redução do custo de crédito já a partir de 2018.

[Yuri Fernandes – JP Morgan]

Perfeito, obrigado pessoal.

[Pedro Furtado – Prada]

Bom dia. Eu tenho duas perguntas. A primeira pergunta eu queria entender em relação a como vocês devem navegar o ano de eleições e se isso afeta, de alguma forma, a concessão de crédito, se existe algum risco de crédito, algum tipo de empresa que pode estar mais suscetível a uma eleição desfavorável para o mercado? Minha segunda pergunta é como o Banco vê o nível de rentabilidade ideal, o custo de capital que vocês colocam nas operações, depois dessa queda da Selic e se isso mudou ou não. Obrigado.

[Anis Chacur –Presidente]

Obrigado, Pedro. É claro que esse ano de 2018 será de muita volatilidade. Agora, essa volatilidade, no que diz respeito aos resultados do Banco, a gente pode enxergar um pouco mais em Tesouraria, porque ela tem uma relação direta quando os mercados oscilam. Nas atividades de crédito, independente do resultado da eleição, o impacto, no ano, tende a ser menor. O que ocorre é que, dependendo do resultado das eleições, as empresas irão se redirecionar para os anos seguintes, que seria 2019/20, com novos governadores e presidente eleitos. Aí sim poderá ter uma diferença significativa nos termos da disposição da indústria em investir. Especificamente para crescimento econômico, qualidade e crescimento da carteira de crédito, aquilo que se tem de expectativa de resultado de eleição, diretamente no ano de 2018, teria uma oscilação menor. A oscilação maior se daria em função da volatilidade dos mercados e poderia afetar a tesouraria, que no nosso caso, é uma tesouraria menos voltada para o trading e mais voltada para operações estruturadas.

No que diz a rentabilidade, conforme já comentei, está sendo afetada pela taxa Selic e sendo compensada por uma queda nas despesas de provisão para devedores duvidosos e crescimento da carteira de crédito. O spread, mais especificamente, no segmento corporativo, nós trabalhamos com uma perspectiva de manutenção daquilo que tivemos em 2017, porque o ambiente está melhor, do ponto de vista de demanda e disposição por aprovar crédito, mas as instituições praticantes desse mercado são as mesmas, talvez com um pouco mais de disposição. Ainda não enxergamos novos bancos que tinham se recolhido dessa atividade em função da crise, e a demanda tendendo a voltar com uma disposição maior de quem já está nesse mercado. Então, por isso faz sentido trabalharmos com uma perspectiva de manutenção de spreads nas atividades de crédito corporativo. No que diz respeito a nossa rentabilidade, compensar a queda da taxa Selic com aumento do volume de empréstimos e redução das despesas de PDD.

[Pedro Furtado – Prada]

Está ótimo, obrigado!

[FIM]